



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

REFLEXÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS ACERCA DA CONSTRUÇÃO DIALÓGICA DA POLÊMICA: UMA ANÁLISE BAKHTINIANA DO DISCURSO SOBRE A MACONHA NA IMPRENSA

Carolina Gonçalves da Silva¹

Resumo: Este artigo reúne algumas considerações teórico-metodológicas acerca de uma abordagem dialógica do discurso polêmico, fundamentada no aporte teórico do Círculo de Bakhtin, Medviédev e Volochinov, tendo, portanto, o diálogo como eixo central. Para isso, discute as noções de signo ideológico, de enunciado concreto, de polêmica aberta e velada, dando exemplos de sua produtividade analítica em enunciados verbais, que circularam no gênero capa de revista, e que disputam entre si os sentidos do signo *maconha*. O objetivo dessas reflexões é defender o método dialógico do Círculo como uma maneira eficiente de resgatar contradições ideológicas que atravessam a construção dos discursos e a constituição dos sujeitos, indo além daquilo que é refletido/refratado na superfície dos enunciados.

Palavras-chave: Análise dialógica do discurso; polêmica; Círculo de Bakhtin.

Resumen: Este artículo reúne algunas consideraciones teórico-metodológicas acerca de un abordaje dialógico del discurso polémico, basado en los fundamentos teóricos del Círculo de Bajtín, Medvédev y Volóshinov, teniendo, por lo tanto, el diálogo como eje central. De esta manera, se discuten las nociones de signo ideológico, de enunciado concreto, de polémica abierta y velada, dando ejemplos de su productividad analítica en enunciados verbales, que circularon en el género discursivo tapa de revista, y que disputan entre ellos los sentidos del signo *maconha* (marihuana). El objetivo de estas reflexiones es defender el método dialógico del Círculo como una manera eficiente de rescatar las contradicciones ideológicas que atraviesan la construcción de los discursos y la constitución de los sujetos, más allá de lo que es reflejado y refractado en la superficie de los enunciados.

Palabras clave: Análisis dialógico del discurso; polémica; Círculo de Bajtín.

Introdução

Este artigo é resultado da participação no VI Colóquio da ALED - *Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas* e seu objetivo principal é reunir

¹ Mestranda no Programa de Pós-graduação em Linguística e Língua Portuguesa da FCLAr/UNESP (Araraquara). Pesquisa realizada com o apoio da CAPES.



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

algumas considerações de cunho teórico-metodológico sobre a construção dialógica do discurso polêmico. Para isso, recorreremos a enunciados que estabelecem entre si relações dialógicas polêmicas em torno do signo ideológico *maconha*. Tais enunciados circularam na esfera jornalística e são um recorte do *corpus* da pesquisa de mestrado que originou este trabalho.

Na ocasião, propusemos que se olhe para o processo de produção de sentidos da polêmica a partir de um ponto de vista bakhtiniano. Em nossa pesquisa, partimos de um *corpus* composto por enunciados verbo-visuais da esfera jornalística, que disputam os sentidos da palavra *maconha* entre si e com outros enunciados, de outros gêneros, esferas e cronotopos - para onde se expandiram nossos movimentos de cotejo.

Optamos por focar em aspectos teórico-metodológicos não só por se tratar de uma de nossas preocupações ao longo da pesquisa, mas também porque foram questões recorrentemente apontadas durante o evento. Afinal, não é fácil definir categorias, critérios, procedimentos e limites da análise, principalmente quando se estuda o discurso a partir de uma teoria “que reconhece a infinitude do processo dialógico” (GERALDI, 2012, p.20), como aquela construída pelo Círculo de Bakhtin, Medviédev e Volochínov.

Acreditamos, no entanto, que o pensamento dialógico do Círculo oferece subsídios teóricos suficientes para o estudo da construção do discurso polêmico e propusemos, em nossa apresentação, formas de lidar dialogicamente com ele, dando exemplos da nossa pesquisa. Tentamos esclarecer o que seria, para nós, essa análise dialógica; como procedê-la, de acordo com os princípios do dialogismo bakhtiniano; como temos colocado isso em prática no desenvolvimento de nosso trabalho, bem como os resultados alcançados até o momento.

Não pretendemos estabelecer padrões ou propor um modelo de análise bakhtiniana para quaisquer discursos polêmicos, pois isso iria de encontro aos próprios princípios teóricos do Círculo. Nosso objetivo é compartilhar algumas questões e apontar alguns caminhos possíveis para se pensar a construção da polêmica a partir de um ponto de vista dialógico, que a enxerga não apenas como uma disputa pelos sentidos da palavra, mas como espaço onde se materializam contradições ideológicas históricas.

1. Considerações prévias sobre o discurso, o diálogo e a polêmica



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

Para Brait (2006, p. 9), não é possível afirmar que o grupo de pensadores russos que compõem o chamado Círculo de Bakhtin, Medviédev e Volochínov (CBMV), tenha proposto “um conjunto de preceitos sistematicamente organizados para funcionar como perspectiva teórico-metodológica fechada”. No entanto, acreditamos, como a autora, que é possível apreender de suas obras uma proposta de abordagem teórico-analítica do discurso baseada no dialogismo.

Para Bakhtin (BAKHTIN, 1981 p. 209), “o discurso é a língua em sua integridade concreta e viva” e analisá-lo dialogicamente implica considerar não só o sistema de elementos linguísticos, mas também as relações dialógicas, extralinguísticas que o constituem. Para o Círculo só é possível compreender os sentidos produzidos nessas relações, se a percebemos como um fenômeno essencialmente social, cuja realidade fundamental é a interação verbal (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2006, p.125), ou seja, o diálogo.

Assim, dentro do grande campo da Análise do Discurso (AD), a perspectiva bakhtiniana da linguagem se consolida como aquela que propõe uma abordagem que une a língua, os sujeitos, a história e a ideologia, buscando dar conta de seus aspectos linguísticos e extralinguísticos, a partir da análise de materialidades discursivas, tendo como categoria principal o diálogo.

Tendo situado nosso trabalho no amplo campo da AD, dentro da proposta que vem sendo chamada de Análise Dialógica do Discurso (ADD), e tendo esclarecido nossas concepções de discurso e de diálogo, resta fazer alguns esclarecimentos sobre a noção de polêmica, já que o termo geralmente aparece, nos estudos discursivos, associado à ideia de “interincompreensão”, tal como discutida por Maingueneau. Apesar de haver pontos de convergência entre ambas as formas de compreendê-la, há algumas divergências epistemológicas fundamentais entre nossa concepção dialógica da polêmica e aquela que se alia aos princípios da chamada Análise do Discurso Francesa.

Para Maingueneau (2005, p.103), a rede de interação semântica estabelecida entre as formações discursivas instaura um processo de interincompreensão generalizada; ou seja, há um desentendimento recíproco que só permite que se traduza o enunciado do *Outro* de acordo com a posição enunciativa do próprio intérprete do discurso alheio, criando-se, portanto, um simulacro dele.



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

Segundo o autor, a polêmica não é uma controvérsia violenta, e não advém do exterior – por exemplo, de mal-entendidos usuais da comunicação entre os falantes. Trata-se de um aspecto interno das relações entre formações discursivas, necessário à sobrevivência de um discurso, que só encontra completude no Outro, naquele com quem polemiza e a quem se opõe, para anulá-lo e, assim, se reafirmar. Nesse contexto, um discurso responde àqueles que considera mais ameaçadores entre os que lhes são dirigidos, tentando mascarar sua própria vulnerabilidade (MAINGUENEAU, 2005).

O autor francês assume, portanto, a natureza constitutiva da polêmica na construção dos discursos, mas distingue “um nível *dialógico*, o da interação constitutiva, e um nível *polêmico*”, onde a heterogeneidade se mostra (MAINGUENEAU, 2005, p. 112). É nesses termos, da heterogeneidade constitutiva e mostrada, que fala Jacqueline Authier-Revuz, cujos estudos partem do dialogismo bakhtiniano e se consolidam na teoria das heterogeneidades enunciativas, que se debruça sobre as representações do discurso do outro (AUTHIER-REVUZ, 2004).

Nesse ponto, já é possível fazer a aproximação entre a polêmica segundo os estudos da AD (aqui representados por Maingueneau e Authier-Revuz) e segundo um olhar bakhtiniano do discurso. É o dialogismo constitutivo da linguagem e dos sujeitos, tal como o compreende o Círculo, a “condição de constituição do sentido” (AUTHIER-REVUZ, 2004 p.36), tanto na polêmica como *interincompreensão* quanto nas *heterogeneidades enunciativas*.

Assim, para nós, essas formas de manifestação da heterogeneidade discursiva, em diferentes níveis, seja na superfície observável dos enunciados ou no interdiscurso que os constitui, podem ser entendidas como diferentes formas de materialização das relações dialógicas constitutivas da linguagem, que instauram não apenas consenso, mas também polêmica. Para Faraco (2009, p. 68), as relações dialógicas são espaço de tensão e delas pode resultar convergência, acordo, adesão, complemento, fusão, mas também divergência, desacordo, embate, questionamento, recusa etc..

Enfim, são muitos os acabamentos discursivos que essas relações dialógicas podem adquirir, em diferentes gradações de polêmica e nuances de sentido. O próprio Círculo propõe que se faça uma distinção, ainda que flexível - já que, às vezes, não é possível traçar uma separação nítida - entre polêmica aberta e velada. Para Bakhtin (1981, p. 229), a primeira se



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

manifesta quando um discurso está diretamente orientado “para o discurso refutável do outro, que é o seu objeto”, e a segunda quando “o discurso do autor está orientado para o seu objeto, como qualquer outro discurso”.

A polêmica aberta seria, numa leitura bakhtiniana, um enfrentamento direto entre discursos, entre posições enunciativas e axiológicas, materializadas em enunciados concretos – o que implica a presença de sujeitos participantes da enunciação, inseridos num determinado contexto sócio-histórico. Foi essa leitura que trouxe o enunciado concreto para o centro das análises, transformando-o em uma das categorias principais, como discutimos na próxima seção.

Já a polêmica velada é entendida, neste trabalho, como uma disputa indireta pelos sentidos de um mesmo objeto ou signo ideológico – daí a justificativa para que este tenha se tonado nossa principal categoria de análise. Nesse caso, só indiretamente um discurso ataca outro, porque ambos valoram de forma distinta um mesmo objeto/signo:

Orientado para o seu objeto, **o discurso se choca no próprio objeto com o discurso do outro. Este último não se reproduz, é apenas subentendido**; a estrutura do discurso seria inteiramente distinta se não houvesse essa reação ao discurso subentendido do outro (BAKHTIN, 1981, p. 229 negrito adicionado por nós).

Dessa forma, enquanto a polêmica aberta pode se manifestar num enunciado concreto, na heterogeneidade mostrada, na citação do discurso do outro, a polêmica velada seria uma disputa pelos sentidos de um signo, uma luta pelo direito de enunciar outros de seus múltiplos significados possíveis, outros pontos de vistas, outros juízos sociais de valor. Em ambos os casos, no entanto, a polêmica discursiva seria o reflexo/refração de conflitos de cunho ideológico.

Interessa-nos, principalmente, esse segundo tipo, a polêmica velada, pois acreditamos que uma análise dialógica deve partir da polêmica dada e explícita e caminhar em direção aos discursos silenciados em esferas de poder, como a jornalística, da qual recortamos nosso *corpus*. Na próxima seção, apresentamos os princípios metodológicos e outras noções relevantes durante essa nossa análise dialógica da polêmica, que foram mobilizadas como categorias analíticas.



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

2. Principais noções e procedimentos de uma abordagem dialógica da polêmica

Estabelecemos na seção anterior que nossa análise dialógica do discurso polêmico pretende ir além da controvérsia que se explicita nos enunciados concretos que compõem o *corpus*. Para isso, adotamos como uma das categorias principais a noção de signo ideológico, já que são suas contradições internas que dão origem ao acabamento mais ou menos polêmico dos enunciados que nossa análise contempla. Também transformamos em categoria de análise, em função das especificidades do *corpus*, a noção de enunciado concreto (do tipo verbo-visual, pesquisa, mas apenas verbal, nos exemplos usados neste trabalho).

Nesta seção, além de aprofundarmos a discussão acerca dessas duas concepções teóricas, apontamos (ainda que superficialmente) outras noções delas indissociáveis numa análise bakhtiniana do signo ideológico: de ideologia, gênero discurso e esfera, por exemplo. Também discutimos os princípios fundamentais do método sociológico do Círculo e, finalmente, apresentamos o cotejamento de enunciados e o paradigma indiciário como outros procedimentos metodológicos produtivos na análise do discurso polêmico que nos propusemos a realizar.

Na perspectiva do Círculo, não só o signo linguístico, mas quaisquer corpos físicos, imagens artísticas, trabalhos científicos, instrumentos de produção, produtos de consumo, objetos naturais, sons, gestos, cores, corpos vivos, símbolos e cerimônias religiosas podem se tornar, também, signos ideológicos (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2006; MEDVIÉDEV, 2012).

No entanto, esses objetos/fenômenos só ganham sentido para além de sua existência material e tornam-se ideológicos quando inseridos no ato social da comunicação. Para Medviédev (2012, p. 50), “não há significado fora da relação social de compreensão”, pois é no ato comunicativo, na interação entre sujeitos, que um fenômeno se torna ideológico, que a palavra se torna signo.

Já para Bakhtin/Volochínov (2006, p.45), “em todo signo ideológico confrontam-se índices de valor contraditórios. O signo se torna a arena onde se desenvolve a luta de classes”; o embate entre pontos de vista e formas distintas de perceber e interpretar o mundo. Interessa, em nosso estudo da polêmica, justamente a evolução dessa disputa pelos sentidos do signo, mas a disputa que é ideológica, entre grupos, classes e valores sociais, pois “na verdade, é este



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

entrecruzamento dos índices de valor que torna o signo vivo e móvel, capaz de evoluir” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2006, p. 46).

De acordo com o pensamento do Círculo, para compreender os sentidos do signo ideológico, deve-se levar em conta que ele

resulta de um consenso entre indivíduos socialmente organizados no decorrer de um processo de interação. Razão pela qual *as formas do signo são condicionadas tanto pela organização social de tais indivíduos como pelas condições em que a interação acontece*. Uma modificação destas formas ocasiona uma modificação do signo (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2006, p.43. Itálico original).

Assim, para ser capaz de estudar esta evolução social do signo e de suas contradições que se materializam na forma de discurso polêmico, seria necessário observar alguns princípios metodológicos gerais estabelecidos pelo Círculo:

1. *Não separar a ideologia da realidade material do signo* (colocando-a no campo da “consciência” ou em qualquer outra esfera fugidia e indefinível). 2. *Não dissociar o signo das formas concretas da comunicação social* (entendendo-se que o signo faz parte de um sistema de comunicação social organizada e que não tem existência fora deste sistema, a não ser como objeto físico). 3. *Não dissociar a comunicação e suas formas de sua base material* (infraestrutura). (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2006, p.43. Itálico original, negrito adicionado por nós).

Segundo essas orientações metodológicas, para compreender ativa e dialogicamente o processo de produção de sentidos do signo deve-se recorrer uma abordagem sociológica, que não o separe da ideologia, tampouco das formas concretas da comunicação social (isto é, dos enunciados e dos gêneros discursivos) e da base material da sociedade - a infraestrutura, em sua relação dialética com os sistemas ideológicos institucionalizados nas superestruturas.

Além do signo ideológico, a compreensão dialógica ativa da polêmica da maconha exigiu que mobilizássemos também a categoria do enunciado concreto, mais especificamente do enunciado verbo-visual². Trata-se de uma noção fundamental, porque constitui o espaço de observação do signo ideológico em seu acontecimento real e concreto.

O enunciado, segundo Bakhtin, “é a unidade real da comunicação verbal” (BAKHTIN, 1997, p.293), aquilo que materializa a interação entre sujeitos reais, numa situação concreta.

² A noção de verbo-visualidade, ainda que fundamental em nosso trabalho, não será explorada aqui, em decorrência da objetividade deste gênero discursivo, e porque a própria noção, em si mesmo, é suficiente para que se produzam outros trabalhos, aos quais pretendemos nos dedicar. Para isso, temos nos inspirado em trabalhos como os de Brait (2006; 2013), que vêm demonstrando a produtividade da noção de verbo-visualidade nos estudos dialógicos do discurso.



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

Ele é indissociável de noções como as de gênero discursivo (no caso, o gênero capa de revista impressa) e de esfera de atividade humana/ campo de criação ideológica (no caso, a esfera jornalística, mais especificamente, a impressa). Por isso, fala-se em enunciado concreto como sendo aquele que “compreende duas partes: (1) a parte percebida ou realizada em palavras e (2) a parte presumida” (VOLOCHINOV, 1926, p.6).

Esta “parte presumida” dos enunciados é fundamental para a compreensão dos sentidos materializados na parte realizada em linguagem, pois eles dependem tanto da situação imediata que gerou a enunciação (entre sujeitos em interação verbal), quanto do contexto mais amplo, sócio-histórico e político-econômico, em que está inserida.

Dessa forma, a avaliação social do signo, só se compreende quando contemplado o enunciado, pois depende desses elementos extralinguísticos da enunciação. Para Medviédov (2012, p. 183), “o enunciado é um acontecimento histórico” e analisá-lo significa estabelecer uma “miríade de conexões com o contexto extraverbal da vida” (VOLOCHINOV, 1926, p.6), com a situação de produção que esses enunciados refletem e refratam.

Outro aspecto fundamental do enunciado, além de sua atualidade histórica e da avaliação social que lhe é inerente, é sua qualidade inalienável de resposta, no interior de um diálogo mais amplo, numa cadeia infinita de enunciações. Assim,

Toda enunciação, mesmo na forma imobilizada da escrita, é uma resposta a alguma coisa e é construída como tal. Não passa de um elo da cadeia dos atos de fala. Toda inscrição prolonga aquelas que a precederam, trava uma polêmica com elas, conta com as reações ativas da compreensão, antecipa-as (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2006, p.99).

Isso quer dizer que um enunciado concreto só pode ser compreendido quando relacionado com “outras enunciações completas pertencentes a um único e mesmo domínio ideológico”, segundo Bakhtin/Volochinov (2006, p.106). Por isso, contemplamos não só os enunciados do *corpus* principal, mas outros enunciados dessa corrente, no interior da esfera jornalística.

Essa flexibilização do “*corpus*” é característica comum entre os trabalhos que se pretendem dialógicos, pois necessariamente eles devem expandir o diálogo dos textos do *corpus* com outros textos e discursos que o atravessam. Ela favorece a adoção de outros dois



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

procedimentos metodológicos gerais que têm sido muito produtivos em nossa análise dialógica da polêmica: o paradigma indiciário³ e o cotejamento de textos.

O primeiro consiste em adotar o raciocínio abdutivo como modo de aproximação de objetos de estudo tão dinâmicos e complexos, como a linguagem e o discurso. Isso implica

considerar um indício ou sinal para formular uma **hipótese** (raciocínio abdutivo) com a qual se constrói um **sentido provisório**. A hipótese formulada permite encontrar outros indícios (no mesmo texto ou em **outros textos correlatos**) com que se confirma o sentido provisório construído ou se abandona este sentido por outro mais adequado agora baseado nos novos indícios que darão ao primeiro indício também outro sentido. [...] Esse sentido não esgota os sentidos possíveis – que são inacabáveis – mas é aquele que se chega operando com os dados disponíveis no momento da pesquisa (GERALDI, 2012, p.34-35 **negrito adicionado por nós**).

Esse percurso investigativo baseado no paradigma indiciário, com o auxílio do cotejamento de textos, tem possibilitado o resgate do já-dito constitutivo dos enunciados do *corpus*, mesmo aquele que se materializa em outros gêneros e esferas, levando à compreensão mais profunda da polêmica. O cotejamento de textos, enquanto caminho metodológico, é entendido por Geraldi (2012, p.31) como “a única forma de desvendar os sentidos”.

Para o autor, o múltiplo (os dizeres outros, os outros enunciados) é necessário à compreensão do enunciado concreto, único e irrepetível. Ele acrescenta que o aprofundamento do empreendimento interpretativo de um discurso depende da ampliação de seu contexto, que faz “emergirem mais vozes do que aquelas que são evidentes na superfície discursiva. Não para enxergar nestas vozes a fonte do dizer, mas para fazer dialogarem diferentes textos, diferentes vozes” (GERALDI, 2012, p. 29).

O próprio Bakhtin (1997, p. 404) prevê o cotejamento como necessário à compreensão dos sentidos da palavra enquanto signo ideológico, quando afirma que “toda palavra de um texto conduz para fora dos limites desse texto”, e que “a compreensão é o cotejo de um texto com os outros textos”. Em nosso trabalho, o cotejamento de textos e de seus contextos - da realidade extralinguística que possibilita entender esses enunciados - foi fundamental para alcançar uma compreensão dialógica da polêmica construída em torno da palavra “maconha”.

³ Para ver mais, conferir GINZBURG (2007).



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

Essa abordagem fez com que tivéssemos contato com uma quantidade ilimitada de material, que não poderíamos descartar mesmo depois de recortado o *corpus* (com base nos critérios que detalhamos a seguir). Em nossa pesquisa, a solução para as dúvidas quanto aos limites do *corpus* foi expandir o material de cotejo, à medida que limitávamos o material de análise. O cotejo foi expandido, inclusive, para além dos limites da esfera jornalística, já que, ali, a polêmica era restrita pela cobertura homogênea dos fatos noticiados pelos veículos de comunicação de grandes grupos de mídia.

Acreditamos que essa postura, esses conceitos e procedimentos estejam de acordo com o pensamento dialógico do Círculo e apresentamos, na seção seguinte, nossa maneira de mobilizar essas noções analiticamente, dando exemplos de como temos lidado teórica e metodologicamente com a construção da polêmica da maconha, principalmente na imprensa contemporânea.

3. Um exemplo: a construção do discurso polêmico sobre a maconha

Até aqui, tentamos esclarecer o que seria uma análise dialógica do discurso polêmico e como seria possível abordá-lo metodologicamente nessa perspectiva. Nesta última parte, tentaremos tornar mais palpáveis nossas considerações, dando exemplos de nossa própria pesquisa.

Primeiramente, adotar o dialogismo bakhtiniano como perspectiva teórico-metodológica significou, na prática, não trabalhar com um *corpus* fechado, dado de antemão, pois isso significaria limitar a infinitude do diálogo, princípio que adotamos como eixo central de nossas reflexões. Tampouco tínhamos um grupo de conceitos e categorias claramente estabelecidas para serem automaticamente testadas nesse *corpus* em construção. Tínhamos à disposição os princípios gerais do “método sociológico” do Círculo e as noções fundamentais que constituem a arquitetura de sua obra - que acreditávamos, desde o início, suficientes para realizar essa abordagem dialógica da polêmica.

A seguir, apresentamos um recorte do *corpus* principal, onde se inicia nossa análise do processo de produção de sentidos no discurso polêmico sobre a maconha. Dessas materialidades enunciativas originaram-se os primeiros questionamentos da pesquisa, sobre as



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

razões que levaram essa polêmica a estar entre os assuntos de destaque também em esferas conservadoras, como a jornalística, principalmente nos últimos cinco anos.

1. **Maconha.** As novas descobertas da **medicina** cortam o barato de **quem acha que ela não faz mal** (VEJA, 2012).
2. **Maconha. Sim, faz mal.** Mas proibir não é pior? O grande laboratório da legalização começa no Uruguai e nos EUA em 2013 (GALILEU, 2013).
3. A revolução da **Maconha.** O mundo começou a ver **a planta** de **outro jeito**. Entenda por quê (SUPERINTERESSANTE, 2014).
4. Brasil vai liberar **o remédio de maconha** (ISTOÉ, 2014).

Mesmo sem analisá-lo propriamente, uma vez que esse artigo é de natureza teórico-metodológica, mais do que analítica, esse fragmento do corpus já é suficiente para perceber que, desde o início, foi o signo ideológico (materializado verbalmente, como neste artigo, mas também visualmente, na pesquisa) que se impôs como categoria principal. Afinal, era a palavra maconha ou sua imagem visual na forma da folha da Cannabis que funcionavam como traço de união mais evidente entre os enunciados - como mostram os destaques adicionados à palavra nos trechos de 1 a 4.

Apesar de serem unidos pelo objeto cujo sentido está sendo disputado (a palavra *maconha*), cada um dos enunciados analisados constrói possibilidades significativas distintas para esse mesmo signo. Este deixa de apenas refletir a realidade material de uma planta, ganhando significados para além dessa existência concreta, tornando-se signo ideológico, capaz de refratar a realidade social em transformação, bem como os valores e os conflitos ideológicos que a constituem em dado momento de sua evolução.

A observação dessa dinamicidade do signo, no entanto, só poderia ser observada quando de seu acontecimento em enunciados concretos, que atualizam os sentidos da palavra, de acordo com o contexto de interação imediato que a gerou, mas também com as condições sócio-históricas e a situação político-econômica mais ampla na qual ela se insere.

Nos enunciados de 1 a 4, é o contexto recente de transformações nos discursos oficiais da legislação sobre drogas, em diversos países (primeiro, em alguns estados dos EUA, depois, no Uruguai e, mais recentemente, no Brasil) que aparece refratado e valorado segundo a posição axiológica desses veículos, no interior da esfera jornalística. Em 1, por exemplo, a maconha é uma droga que faz mal; em 2, a droga que faz mal, mas cuja proibição é ainda



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

mais danosa; em 3, a planta cujo valor tem mudado aos olhos do mundo; em 4, a droga que adquiriu valor oficial de remédio.

Assim, instaura-se, na superfície discursiva ou no interior do próprio signo, uma disputa ora mais explícita, como em 1 e 2, ora menos evidente, como em 3 e 4. Nesse ponto, começam a se consolidar as categorias da polêmica aberta e velada. Como apontamos na primeira seção deste artigo, a primeira é aquela em que um enunciado refuta outro diretamente, de forma a deixar marcas evidentes na enunciação - o que seria equivalente às formas marcadas de heterogeneidade mostrada, conforme a proposta de Authier-Revuz (1990).

Um exemplo de polêmica aberta é a negação, marcada em 1 pelo adverbio *não*. É neste termo que se evidencia a disputa entre os que acham que ela faz mal (a medicina) e os que acham que ela *não* faz mal - o consumidor, cuja imagem aparece refratada na linguagem a ele atribuída, marcada pelo termo “barato”, que coloquialmente se refere à sensação de embriaguez causada pelo consumo da erva.

Em 1, é o discurso da medicina e do consumidor que estão em embate, em 2, instaura-se a polêmica entre os próprios enunciados, entre as duas capas. Galileu retoma e insere o discurso de Veja na sua própria enunciação (*sim, faz mal*), mas o faz para ressignificar esses dizeres de acordo com os próprios valores (*mas proibir não é pior?*). Já nos enunciados 3 e 4, instaura-se a polêmica velada, porque é apenas no interior do signo que esses dizeres se enfrentam.

Em 3, no signo maconha está refratada a imagem da *planta* - não mais de uma droga, como em 1 e 2. Ali, são possíveis *outros jeitos* de vê-la e de valorá-la, antes não enunciáveis aos olhos do *mundo* ou, pelo menos, segundo das ideologias oficiais (legitimadas nas vozes da medicina, da lei, da mídia) e do senso comum.

Em 4, aquele *outro jeito* de ver a planta/droga, ao qual se referia a revista Superinteressante, se concretiza, em Istoé, na sua oficialização enquanto remédio. Portanto, não é a maconha corpo natural ou substância nociva e ilegal que aparece refletida/refratada nesse enunciado, mas o *remédio de maconha*. Ou seja, a planta é, agora, matéria-prima da indústria farmacêutica e produto no lucrativo “mercado da saúde”, no Brasil e em outras partes do mundo, como um outro enunciado do corpus pode ilustrar: “**Maconha**. USA.



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

Repórteres de Veja foram aos Estados e Uruguai saber o que muda na vida das pessoas quando a produção, a venda e o uso da **droga** são **legalizados** – e viram um **negócio altamente lucrativo**” (VEJA, 2013).

Outras disputas pelo valor do signo (além destas oposições *planta x droga x medicamento*), identificáveis no *corpus*, constituem a polêmica velada instaurada no seu interior, como *proibir x legalizar* e *faz mal x não faz mal*. Estas oposições se repetiram também nos enunciados cotejados do mesmo gênero, que circularam nos mesmos veículos, mas que ficaram de fora do corpus por não estarem dentro do recorte temporal estabelecido (uma vez que foram publicados nos últimos 20 anos). Isso quer dizer que, por trás da polêmica explícita sobre a maconha que a imprensa contemporânea tenta construir no gênero capa de revista, há uma homogeneização desses discursos, própria da massificação dos produtos culturais.

Além de estabelecer a relação entre a empresa produtora da notícia e seus consumidores potenciais, é esse gênero que garante a ampla circulação e recepção das ideias dominantes veiculadas nesses meios. Entretanto, essas revistas que representam vozes de privilégio no interior da esfera jornalística não são criadoras dessa polêmica, apesar de certamente contribuírem para que ela se estabilizasse entre os assuntos de interesse da sociedade brasileira. Esses veículos são, na verdade, refratores de uma disputa muito mais antiga e complexa, que esconde (mais do que revela) conflitos ideológicos históricos.

Para dar conta desses embates não visíveis na superfície dos enunciados, para chegar aos conflitos que a polêmica velada na imprensa deixa apenas entrever, ampliamos o cotejo para outros espaços, para outros gêneros e esferas. Nesses movimentos de cotejamento, temos identificado contradições ideológicas históricas, que colocam em embate não apenas discursos e sentidos, mas também grupos e classes, valores e ideologias; que constroem identidades, que atualizam as disputas entre vozes oficiais e do cotidiano.

Últimas considerações

Para propor algumas considerações teórico-metodológicas acerca de uma análise dialógica da polêmica, iniciamos este artigo fundamentando nossas concepções de discurso, diálogo e polêmica na perspectiva bakhtiniana do discurso. Em seguida, discutimos as noções



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

de signo ideológico, enunciado concreto, polêmica aberta e velada, como as principais categorias mobilizadas em nossas análises, indissociáveis de noções como a de ideologia e de gênero discursivo.

Além disso, apresentamos os princípios gerais do método sociológico do Círculo e do cotejamento de textos, defendendo-os como uma maneira dialógica de alcançar níveis mais profundos da polêmica, para além das marcas evidentes na superfície dos enunciados. Já que estes, enquanto elo de uma cadeia de comunicação dialógica, são “uma resposta ao que já foi dito sobre o mesmo objeto, sobre o mesmo problema, ainda que esse caráter de resposta não receba uma expressão externa bem perceptível” (BAKHTIN, 1997, p.318).

A partir dessas noções, categorias e procedimentos gerais, acreditamos que tem sido possível resgatar pelo menos alguns dos sentidos, vozes e valores que se entrecruzam no signo *maconha*, e identificar as contradições ideológicas fundamentais que asseguram a permanência dessa polêmica entre os assuntos de interesse da imprensa e, portanto, da sociedade brasileira.

Afinal, acreditamos que o papel da mídia, nessa polêmica tenha sido apenas o de refratar, o de dar acabamento (conforme o gênero e a esfera) e de fazer circular amplamente o senso comum que se construiu historicamente, arraigado nos valores e interesses contraditórios de determinados grupos e classes sociais, que vem sendo ressignificado e atualizado, na história brasileira, desde o período colonial – como outros trabalhos e outros diálogos poderão demonstrar.

REFERÊNCIAS

AUTHIER-REVUZ, J. *Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

_____. *Heterogeneidade(s) enunciativa(s)*. Cadernos de Estudos Linguísticos. Tradução de Celene Cruz e João Wanderley Geraldi. Campinas: UNICAMP, n. 19: 25-42, jul.; dez.1990.

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Trad. Maria Ermantina Galvão. 2ª. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

_____. *Problemas da poética de Dostoievski*. Trad. Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 1981.



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

BAKHTIN, M./VOLOCHÍNOV, V. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 12ª ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

BRAIT, B. Análise e teoria do discurso. In: BRAIT, Beth (org.). *Bakhtin: outros conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2006. p. 9-32.

_____. Olhar e ler: verbo-visualidade em perspectiva dialógica. *Bakhtiniana: Revista de Estudos do Discurso*, v. 8, p. 43-66, 2013.

BRAIT, B.; MELO, R. Enunciado/enunciado concreto/enunciação. In: BRAIT, Beth (org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2005.

FARACO, C.A. *Linguagem e diálogo: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

GALILEU. nº 258. São Paulo: Editora Globo, janeiro de 2013.

GERALDI, J. W. Heterocientificidade nos estudos linguísticos. In: GEGe. *Palavras e contrapalavras: enfrentando questões da metodologia bakhtiniana*. Caderno de estudos IV para iniciantes. São Carlos: Pedro & João Editores, 2012, p. 19-39

GINZBURG, C. (1986) Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: GINZBURG: *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. São Paulo: Cia. das Letras, 2007.

ISTOÉ. nº 2322. São Paulo: Editora Três, 28 de maio de 2014.

MAINGUENEAU, D. *Gênese dos discursos*. Trad. Sírio Possenti. Curitiba: Criar Edições, 2005.

MEDVIÉDEV, P.N. *O método formal nos estudos literários*. Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova. São Paulo: Contexto, 2012

SUPERINTERESSANTE. A revolução da Maconha. São Paulo: Editora Abril, 2014.

VEJA. Edição 2293. São Paulo: Editora Abril, 31 de outubro de 2012.

VEJA. Edição 2347. São Paulo: Editora Abril, 13 de novembro de 2013.

_____. (1926) Discurso na vida e discurso na arte: sobre poética sociológica. Tradução para uso didático de C. A. Faraco e C. Tezza de Discourse in life and discourse in art: concerning sociological poetics. In: _____. *Freudianism*. New York: Academic Press, 1976.